

ENTREVISTA DE JACQUES RHÉAUME À LUDMILA GUIMARÃES: REFLEXÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA

INTERVIEW FROM JACQUES RHÉAUME TO LUDMILA GUIMARÃES: REFLECTIONS IN PANDEMIC TIMES

Ludmila de Vasconcelos Machado GUIMARÃES¹

Recebido em: 18/05/2020

Aceito em: 04/06/2020

RESUMO

Em entrevista à Ludmila Guimarães, Jacques Rhéaume argumenta sobre as implicações da pandemia para a governança social, problematizando os papéis de especialistas e governantes no combate ao novo coronavírus e analisando os efeitos biopolíticos da pandemia. O autor, referência em Sociologia Clínica, também analisa as desigualdades sociais e suas implicações diante da doença, as influências das ações coletivas e individuais na mobilização requerida pela chegada do vírus e seus impactos na geopolítica mundial. Por fim, Jacques Rhéaume apresenta possibilidades para o futuro pós-pandemia.

Palavras-chave: Governança Social. Biopolítica. Pandemia. Isolamento Social. Pós-Pandemia.

ABSTRACT

In an interview with Ludmila Guimarães, Jacques Rhéaume argues about the implications of the pandemic for social governance, questioning the roles of experts and government officials in combating the new coronavirus and analyzing the biopolitical effects of the pandemic. The author, a reference in Clinical Sociology, also analyzes social inequalities and their implications in the face of the disease, the influences of collective and individual actions on the mobilization required by the arrival of the virus and its impacts on global geopolitics. Finally, Jacques Rhéaume presents possibilities for the post-pandemic future.

Keywords: Social governance. Biopolitics. Pandemic. Social isolation. Post-Pandemic.

Ludmila Guimarães – Como você percebe essa pandemia?

¹ Doutora em Administração. Professora no Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Coordenadora do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade e Subjetividade (NOSS).

Jacques Rhéaume – A COVID-19 se tornou uma pandemia (do grego *pandemia*, "todo o povo"). Um vírus que pode infectar todos os seres humanos do planeta, sendo completamente "democrático" e sem discriminação. Um vírus é também peculiar enquanto forma elementar de vida, ou mais precisamente, um elemento conectado a todos os tipos de seres vivos, que necessita tanto da existência quanto da multiplicação desses seres. De certa forma, um vírus está em um esforço contínuo de sobrevivência, é parasita obrigatório que infecta a célula, multiplica-se e a destrói, espalhando suas cópias para células saudáveis onde o processo se repete. A questão é que quanto mais sucesso nesse esforço, mais ele pode aniquilar o hospedeiro vivo, portanto, é estabelecida uma espécie de luta darwiniana não intencional. O caminho necessário para a multiplicação dos vírus é a transmissão de um organismo para outro, de um humano para o outro. Aí está a lição microbiológica, com alguma apresentação metafórica. Para os especialistas em saúde pública, no caso da COVID-19, a solução mais eficiente para a preservação da vida humana é, também, radical: interromper as interações humanas, ficar a pelo menos dois metros de distância dos outros... e mais, se isolar em casa até que haja uma solução "antiviral" como uma vacina, ou, aguardar, esperançosamente, que o vírus pare de se multiplicar por si só. Mas até quando? E como? Isso é incerto. O isolamento social deve ser empregado em todos os setores da vida. Ora, pessoas precisam se encontrar para trabalhar, consumir, brincar, aprender, amar, participar de eventos culturais, receber assistência médica, etc. A vida é interação! Eis que surgem então as questões políticas: quem pode decidir sobre essas medidas de segurança e saúde em cada sociedade, região, cidade ou comunidade? Seguindo as regras e instituições estabelecidas de cada sociedade em particular, a resposta é: os governantes.

Ludmila – Então, você observa a existência de efeitos biopolíticos da pandemia?

Jacques – Depois de três meses ou mais, podemos observar um fenômeno muito positivo em que, globalmente, cientistas estão abertos a trabalharem juntos, compartilhando resultados de pesquisas e conhecimentos para fins de saúde pública. Podemos ver, em muitos países, uma estreita colaboração entre líderes governamentais e especialistas científicos. Por outro lado, também é possível observar algumas exceções: presidentes, ministros ou líderes locais que não seguem as recomendações científicas, e, em alguns casos, diminuem ou mesmo negam os perigos da pandemia a fim de manter os "negócios como sempre". Uma estreita colaboração entre especialistas em saúde pública e líderes políticos levanta algumas questões básicas de natureza ética. Alguns líderes de estado, como é o caso do Canadá, por exemplo, proclamaram "uma lei nacional de emergência" que concede ao governo um "poder centralizado em crises". Isso confere um status e poder excepcionais tanto aos "especialistas científicos" quanto aos líderes do governo, reduzindo o debate democrático e a liberdade individual. Ao tentar impor as medidas de "distanciamento social", "confinamento" ou "quarentena", eles usam o controle da polícia, até mesmo incentivando denúncias de pessoas que não seguem medidas de segurança (por exemplo, para andar juntos na rua, um casal precisa morar no mesmo endereço regular), eventualmente, testando e acompanhando o controle, utilizando localizadores pessoais, como o GPS do aparelho celular ou outros dispositivos. Assim, poderíamos encontrar uma nova forma de "biopolítica", conforme a expressão de Foucault, para garantir o controle e a vigilância da população segura e insegura. Certamente "é pelo bem da saúde"... Em alguns discursos públicos, no Canadá, na França, nos EUA, a metáfora da Guerra é usada regularmente: "estamos em guerra contra o vírus, o inimigo absoluto". Essa é uma imagem forte, e isso dá aos líderes políticos o status implícito de General, conferindo-lhes um poder extraordinário sobre as regras cotidianas. Podemos observar, nas últimas semanas, um novo discurso de alguns líderes políticos que pedem uma flexibilização, maior ou menor, da medida de quarentena: abertura de escolas, lojas, pequenos serviços comerciais e outras instalações, mantendo-se as outras medidas de segurança (como é o caso que estamos vivenciando atualmente na província de Quebec). Isso representa um uso moderado das possibilidades de poder político, equilibrando

medidas de segurança e interações humanas em alguns setores importantes. Existe também a outra situação, quando há uma relação conflitante entre especialistas científicos e governantes. Nesse cenário, o discurso oficial passa a enfatizar direito primário de liberdade e autonomia individual "absoluta" e a necessidade de garantir uma boa vida econômica para todos... Mas, esses governantes ainda aproveitam a "situação de crise", valendo-se do medo de muitas pessoas de perderem seus empregos e não terem como satisfazer suas necessidades materiais ou manter seus hábitos de consumo. Esses governantes acabam por ganhar um pouco mais de poder, baseado em argumentos populistas de curto prazo, ignorando a questão da vida ou da morte para as pessoas em geral e, especialmente, para aquelas mais vulneráveis.

Ludmila – Como você analisa os impactos da pandemia para a parcela da população mais vulnerável?

Jacques – Usando o conceito de Georges Lapassade, a pandemia viral é uma espécie de "analisador social", ou seja, um incidente crítico que revela não somente as desigualdades sociais mais ou menos visíveis, como também processos discriminatórios básicos e institucionalizados na sociedade. Por exemplo, no Quebec, uma estratégia inicial era garantir instalações hospitalares suficientes para fornecer os cuidados adequados às pessoas contaminadas pelo novo coronavírus. Os recursos materiais e humanos foram disponibilizados nestes locais pelos governantes. Surgiu então um problema imprevisto: muitos idosos que moravam em residências para a terceira idade adoeceram e muitos morreram devido à infecção pelo vírus. A estratégia de saúde pública precisou ser reorganizada: idosos doentes tornaram-se o alvo prioritário do isolamento, aplicando-se rigorosas medidas de segurança para evitar a transmissão do vírus. Por extensão, todas as pessoas com 70 anos ou mais também precisaram ser "protegidas" e "isoladas" da população em geral. E depois veio o outro "problema": os sem-teto que moravam nas ruas da cidade principal (Montreal). Então, a falta de recursos para garantir a saúde de idosos doentes ou desabrigados trouxe à tona uma deficiência de longo prazo do sistema público de saúde. Houve, também, uma consequência colateral, especialmente para os "idosos", em geral. Para muitas pessoas, eles passaram a ser vistos como mais vulneráveis e, por uma espécie de associação mental, uma classe "perigosa" de pessoas que deveriam ser evitadas e mantidas afastadas. Outro exemplo é sobre a ajuda financeira concedida pelo governo do Canadá (bilhões de dólares) para compensar empresas pela perda de receita, funcionários pela perda de empregos, trabalhadores informais (especialmente aqueles que se mantêm em empregos precários), e estudantes de nível universitário que não conseguirão se empregar no verão que está por vir. Contudo, não foi concedido apoio aos trabalhadores marginais, por exemplo, aqueles ligados às atividades culturais ou para não trabalhadores. Enfim, essa ajuda governamental foi concedida para manter o bom capital econômico e as forças de trabalho. Para os marginais ou excluídos, não há ajuda especial. Assim, mesmo nesta situação de crise, a estrutura econômica neoliberal dominante "padrão" deve ser mantida com base na utilidade produtiva das pessoas. As pessoas idosas ou aposentadas, os sem-teto, os marginalizados ou os excluídos ainda estão à parte do suporte econômico, exceto quando consideramos alguns cuidados de saúde imediatos para evitar a transmissão do vírus.

Ludmila – Como você percebe as influências das ações coletivas e individuais no combate ao novo coronavírus?

Jacques – A estratégia global de saúde pública precisa de uma mobilização coletiva e da autodisciplina de cada indivíduo. A mídia pública é um meio importante de informar e estimular esse movimento, a partir de discursos de líderes oficiais e de especialistas em saúde, debates, artistas conhecidos ou apoios de grupos. Contudo, há de se considerar que a participação real é muito mais complexa. Nos serviços públicos de saúde, notamos um compromisso "hiperativo" de recursos humanos e um grande apoio da comunidade. É claro que esse foi o cerne de uma

reação necessária à crise. Os governantes e a mídia utilizaram de um discurso enfático para celebrar o envolvimento corajoso e heroico dos agentes ligados à saúde: eles estavam na "linha de frente desta estratégia de guerra". Por outro lado, havia uma grande massa de trabalhadores suspensos ou perdendo "temporariamente" seus empregos e grupos vulneráveis que de uma forma ou de outra sofriam com o confinamento. Havia, também, servidores públicos ou funcionários que recebiam seus salários regularmente, aqueles que recebiam algum suporte pontual do Estado e também aqueles que não recebiam nada. Muitos não apenas tinham medo do vírus, mas também de não conseguir recursos suficientes para garantir a vida real: custo de moradia, alimentação e pagamento de contas essenciais. Muitas dessas pessoas não vivenciaram atividades "heroicas" e ainda sentiam o peso da marginalização no contexto da pandemia. Eles não estavam contribuindo para o combate dos "guerreiros". Em síntese, é possível considerar que a própria resposta à crise poderia aumentar as desigualdades sociais das pessoas e adicionar uma dimensão psíquica a esses sujeitos: somos os "perdedores" da situação. É principalmente para esses cidadãos marginalizados que um discurso populista e negativo foi direcionado pelos governantes: vamos voltar ao trabalho e garantir um bom desenvolvimento econômico, vamos acabar com as medidas restritivas e excessivas de segurança. Isso mobiliza cada vez mais pessoas no Quebec, talvez ainda mais em outros países. Nesse discurso, a autoproteção individualista e a responsabilidade exclusiva estão em foco.

Ludmila – Como você percebe a geopolítica mundial diante do novo coronavírus?

Jacques – Essa pandemia da COVID-19, como um fenômeno global, mostra claramente as tensões geopolíticas em nosso mundo atual. É China versus Estados Unidos, diferenças entre os países europeus, a enorme diversidade na América Latina, o continente africano negligenciado, a súbita "discrição" dos países tão importantes do Oriente Médio. Cada país apresentou reações diferentes à pandemia e vem lidando com ela à sua maneira. Visando reduzir a transmissão do vírus, o primeiro passo foi limitar o transporte aéreo e controlar os viajantes e os "estrangeiros", seguido de um fechamento progressivo das fronteiras de maneira preventiva. A adoção de medidas de segurança sanitárias, a contagem ou não de casos e mortes de infectados revelou a grande diferença de recursos médicos e materiais e de hábitos "culturais" das pessoas: mais ou menos obedientes às políticas centrais, autodisciplina ou não, resistindo ou mesmo não se importando. A influência dos diferentes contextos também é marcante na adoção dessas medidas nas grandes cidades, em pequenas comunidades ou na vida rural. Essa grande crise internacional demonstra também a interdependência econômica entre os países. As empresas de transporte aéreo, o setor de produção de petróleo, as grandes empresas produtoras de bens perderam não somente sua lucratividade como também sua força de trabalho. Alguns setores foram privilegiados: as inúmeras indústrias e empresas e meios de comunicação online, a cadeia de produção de alimentos, a ciência e a tecnologia médicas...; por outro lado, seria razoável que o governo pudesse investir um bom volume de capital para apoiar os setores mais instáveis. A crise também foi caracterizada por uma comparação constante sobre como lidar com a pandemia. Havia os bons países, Alemanha, Suécia, China depois; e os ruins, Itália, Espanha e depois os EUA... No Canadá, Quebec é a pior província, isso considerando que o Canadá ocupa a faixa média dos países que compõem o G-20. De qualquer forma, o discurso oficial de muitos países tentou corrigir essas comparações, ocultando números, e, até mesmo, se necessário, atribuindo todo tipo de responsabilidade a outros países... Mas, e que tal um questionamento fundamental sobre a economia mundial real e do *modus operandi* dominado pelo credo neoliberal? Existe a possibilidade, considerando essa crise global compartilhada, de se realizar mudanças profundas?

Ludmila – E o futuro pós-pandemia? Quais lições é possível aprender com o cenário atual?

Jacques – Antes, tínhamos, no Canadá, como parte de um país do norte da América, a síndrome da sociedade afluyente². Falando de forma global: crescimento econômico, hábitos de alto consumo, educação funcional, um bom sistema de saúde e um sistema democrático satisfatório... sem deixar de lado suas tensões imbricadas e as desigualdades sociais ocultas ou mesmo invisíveis. Então a crise aconteceu: uma grande parada da máquina econômica (transporte, produção de petróleo, fechamento de serviços e comércio "não essenciais") e confinamento. Os serviços "essenciais" foram: atendimento hospitalar, mantimentos, farmácias, postos de gasolina, e, estranhamente, lojas de bebidas e lojas de cannabis (legal no Canadá). As necessidades básicas eram comer, beber, ter um lugar para ficar e receber serviços de saúde, se necessário. Mas, acima de tudo, era necessário evitar reuniões, visitar outras pessoas, manter contatos físicos próximos. E, para substituir isso, era preciso usar a comunicação e a mídia virtual: recursos e aplicativos da Internet, televisão, telefone e, por que não, livros. Para muitos, as principais atividades cotidianas mudaram para serem realizadas à distância e, sem exceções, a forma de entretenimento cultural mudou para todos. Durante essa fase, casal e família tiveram a sorte de estar juntos. Mas há exceções: no Quebec, observou-se que algumas mulheres, em particular, estavam lidando mais com violência doméstica e maus-tratos às crianças ficaram mais evidentes. E para muitas pessoas que moram sozinhas, a solidão se tornou a regra. Enfim, dentro de uma dimensão da nossa economia neoliberal questionamos se a experiência de conviver com o "básico" pode mudar nosso hábito de consumir. A redução do transporte e o uso de recursos petrolíferos poderiam facilitar uma perspectiva mais ecológica, reduzindo, no futuro, a poluição? O uso de meios virtuais de comunicação diminuirá o hábito local de transporte e reuniões presenciais? A experiência de confinamento pode levar a um modo de vida mais reflexivo e culturalmente mais focado? Ou será que não iremos retomar o modo de vida anterior e, ainda, reforçá-lo, considerando uma forte reação compensatória individual e coletiva: "perdemos muitas coisas, vamos buscar mais". Não tenho resposta, mas muitos sinais de nossos líderes governamentais conduzem mais a essa segunda posição. A estrutura essencial do poder social e das desigualdades, em cada sociedade e entre países, ainda não foi colocada em xeque até o momento, apesar de vivenciarmos algumas boas experiências de solidariedade e um movimento de valorização da ciência a ser considerado no futuro. De todo modo, observamos indícios de alguma abertura para um pensamento crítico, além de notarmos que existem referências para uma maneira renovada de viver e de possibilidades de ação social após a crise global.

Jacques Rhéaume é Ph.D. em sociologia e professor emérito da Université du Québec à Montreal. É também pesquisador do Centre de Recherche et de Formation (CRF) e do Centre de Services Sociaux et de Santé. Sua expertise é em Psicossociologia, Sociologia Clínica e suas articulações com trabalho, saúde, grupos e organizações.

² Termo consagrado por Galbraith em *The Affluent Society*, de 1958, para caracterizar um estágio de desenvolvimento econômico onde o objetivo já não deve ser o da produção de mais bens de consumo, mas antes o do aperfeiçoamento dos serviços públicos.